

## UM POUCO SOBRE OS CIGANOS EM UBERLÂNDIA-MG

*Franco Andrei Borges*  
Universidade Federal de Uberlândia  
[fabgeoufu@yahoo.com.br](mailto:fabgeoufu@yahoo.com.br)

*Kely Alves Costa*  
Universidade Federal de Uberlândia  
[kelycosta@uai.com.br](mailto:kelycosta@uai.com.br)

**RESUMO:** Nesse estudo bibliográfico abordamos a história e origem do povo Cigano, de forma a entender a presença cigana em Uberlândia-MG. Discutimos a história desse povo, apresentando as perseguições que estes sofreram, bem como as noções preconceituosas em que são relacionados. No decorrer da discussão, apontamos a participação dos Ciganos na vida social no mundo e, de modo especial na cidade de Uberlândia-MG, apontando as razões pelas quais a cidade é um ponto de referência para esse povo.

**Palavras Chaves:** Origem Cigana. Cultura. Ciganos em Uberlândia-MG.

## A LITTLE ABOUT GYPSIES IN UBERLÂNDIA-MG

**ABSTRACT:** In this study we addressed the history and origin of the Gypsies, in order to understand the presence of Gypsy people in Uberlândia-MG. We discuss the history of this people, with the persecutions they suffered, and the preconceived notions that are related. In the discussion, we pointed out the participation of Gypsies in social life in the world and especially in Uberlândia-MG, indicating the reasons why the city is a reference point for these people.

**Keywords:** Gypsy's origin. Culture. Gypsies in Uberlândia-MG.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma incursão bibliográfica e de um trabalho de campo que teve como proposta um projeto de monografia com o estudo de crianças ciganas e sua relação com a escola. Para isso, trabalhamos com Escolas do município de Uberlândia que recebia estas crianças e também com questionários e entrevistas com os pais destes alunos. O trabalho apresenta a história dos ciganos, suas possíveis origens, sua diáspora pelo mundo, seus conflitos

étnicos com outros povos e lendas relacionadas a estigmas sofridos. Vale dizer, a cultura cigana é rodeada de mistérios, simbolismos e uma magia exótica que caracteriza ainda mais o grupo como povos de qualidades distintas dos demais. O Termo “Grupo Cigano” aqui apresentado foi à forma escolhida pelo autor que mais representa a definição sobre o tema, pois o termo “povo Cigano” constantemente é relatado nas bibliografias de forma depreciativa qualificando-os como malandros, trapaceiros, etc. e grupo Cigano pela análise de união e identidade.

Identidade social “como aquela parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o seu significado emocional e de valor associado àquela pertença”. Dessa forma, possuímos tantas identidades quantos sejam os grupos sociais aos quais julgamos pertencer. É importante compreender que o entendimento de grupo, de acordo com esta perspectiva teórica, é a de grupo psicológico. Assim, não basta que os indivíduos compartilhem de espaços comuns e de relações face-a-face, o grupo é entendido como “uma entidade cognitiva com grande significado para o indivíduo num determinado momento” (TAJFEL, 1983, p. 289-290).

É interessante notarmos que outros autores também falam de identidade social, como na leitura de Pereira ([199?], p. 34): “[...] não se pode conhecer o Cigano isolado de seu contexto, isto é, dos condicionamentos socioculturais de sua etnia. No entanto, as chaves da identidade desse não se encontram no indivíduo, mas no grupo”. É verdade que o grupo é a alma do cigano, é o espelho que reflete o seu próximo diante de si e o faz sentir dentro de uma fortaleza, e esta força que os mantém ainda unidos com seus conceitos e convicções de pertencerem a um grupo.

Esta convicção pode ser notada na tenda cigana que é onde está o lar, onde todos dividem as tristezas, alegrias, aflições, onde há a socialização de todos os atos de comunhão, o aconchego de um dia de trabalho e no momento das refeições de uma família que é a mesma que alimenta os indivíduos de outra família.

Imaginar que a tenda que acolhe todos do grupo seria apenas de ciganos nômades, que são aqueles que armam acampamentos e erguem seus lares itinerantes, é um erro, pois há também aqueles que possuem lote urbano com escritura e toda uma infra-estrutura e são estabelecidos com domicílio fixo e utilizam da tenda, seja no fundo de suas casas onde oferecem acolhimento às suas famílias do retorno de viagens, seja para confraternizar.

Em nosso trabalho de campo presenciamos ciganos evangélicos confraternizando um culto em uma tenda. Nelas, estão todos os utensílios dos quais necessitam no dia a dia. Há grande quantidade de animais domésticos na redondeza – cachorros principalmente, posto que estes ajudam na manutenção da segurança do acampamento, enquanto que os homens estão comercializando seus produtos, que podem ser desde relógios e panelas à tachos em cobre.

Tem-se nas relações comerciais dos ciganos a “catira”, denominação popular para a troca de um produto por outro – seja de carros à cavalos e em muitos destes negócios a “volta” sempre é interessante para o que troca, ou seja, quando um item, seja qual for, é melhor que o outro, e há uma diferença de valor, uma quantia em dinheiro devolvida pelo item mais novo. Nota-se que eles realizam muitos negócios, principalmente com pessoas que utilizam estes animais, no caso cavalos, para fins diversos como, por exemplo, para pequenos fretes. Estas pessoas não ciganas são tratadas como *Gadjo*<sup>1</sup>.

A “catira” em Minas Gerais é considerada um patrimônio Popular, que mesmo nos centros urbanos ainda prevalece como meio de troca de bens materiais sejam entre ciganos ou não, podemos observar na leitura de Ribeiro; Galizoni (2007, p. 69);

... catira – ou barganha, *breganha*, baldroca, negócio, rolo: as denominações são muitas – é uma das instituições mais sólidas do meio rural mineiro. Trata-se da troca de animais por bens de consumo, produtos agrícolas, dinheiro ou um pouco de cada, e vice-versa. Em algumas regiões é um negócio bastante freqüente e os negociadores são extremamente dedicados; em Minas Gerais serve para dispor bens sem serventia, trocar o miúdo pelo remediado e este pelo graúdo, para encorpar, aos poucos, os bens que compõem o patrimônio familiar.

Muitas transformações importantes ocorreram nos últimos tempos para os ciganos, tais como os avanços na saúde e na alimentação. Por outro lado, quando se passa nas proximidades de um acampamento, vê-se que, na realidade, o tempo pouco mudou. Os grupos nômades ainda permanecem em seu êxodo pelo mundo, viajando conforme suas necessidades e alguns indivíduos utilizam utensílios rudimentares para preparar seus alimentos, como fogareiros e lampiões a gás.

---

1

*Gadjé*, ou *gadjo* no singular, é o termo usado por Ciganos ao se referirem aos não-Ciganos (REZENDE, 2000).

Suas vestimentas são roupas muito coloridas e com muito brilho, que é o jeito de vestir das mulheres, principalmente com grande quantidade de enfeites e cores, muitos adornos que enfeitam o corpo, vestidos sempre longos e babados, cabelos amarrados com lenços coloridos com toda uma simbologia própria. Por exemplo, o lenço no cabelo significa que são mulheres casadas e as solteiras não o utilizam, além de uma grande quantidade de jóias de ouro.

O maior patrimônio dos grupos ciganos é a oralidade com que transmitem seus saberes de geração a geração, sem que para isso tenham uma grafia própria.

### **A Oralidade dos grupos Ciganos**

A oralidade é a forma não escrita de se repassar os conhecimentos, os domínios e a cultura de determinados povos. As sociedades ciganas têm uma história de oralidade como forma de conhecimento do mundo e não como nós o temos. A nossa história é, principalmente de escrita, leitura e de oralidade, que liga-se às produções em imagens e sons por muitos fios, mas principalmente pelo seu realismo e pela sua sucessividade no tempo (ALMEIDA, 2004).

Em uma leitura de Almeida (2004), como se pode perceber, o fator primordial da oralidade na cultura cigana é o tempo, o que enfatiza as características inerentes dessa cultura via as trocas entre grupos, repercutindo suas danças e mistérios nas condições de vida em que estão inseridos, sejam estes nômades com suas condições mais limitadas ou grupos sedentários que já estão estabelecidos em uma estrutura que oferece um pouco mais de conforto.

Diante deste fator cronológico para os ciganos, não há interferência em sua realidade presencial, ou seja, de seu presente, pois seu modo de transmissão de conhecimento ainda é o mesmo durante séculos, feito de geração em geração sem se perder no tempo através de uma oralidade coletiva

A coletividade dos grupos é marcada por sua união e o seu modo de comunicar por meio da história de seu povo. Como afirma Claval (1995, p. 12): “os indivíduos e os grupos, são marcados pela Educação que receberam: a cultura aparece, assim, como uma herança”. É essa herança que os caracteriza como grupos ciganos, mantendo costumes e condições que os cercam há gerações.

Em sua origem, a diáspora pelo mundo e o contato com outras culturas, caracterizam os ciganos como povos “globalizados”, mas únicos em suas tradições, como sua língua própria, o *Romani*. Tradições que os mantêm unidos por sua cultura e todas as atividades empreendidas pelo coletivo de seu grupo, utilizando não de escritas, mas de transmissões orais de seus costumes que os caracterizam.

De acordo com a leitura de ONG (1998, p. 19) caracteriza a oralidade em dois processos: “Oralidade primária”, a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. Esta é “primária” em oposição à “Oralidade Secundária” da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. Partindo desta análise e sabendo terem os ciganos uma alfabetização instrumental ou um baixo nível escolar, percebe-se que estão eles inseridos no contexto de uma oralidade secundária que em seu convívio utilizam desta tecnologia como aporte de uso e comércio.

Na realidade as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da *psique*. Contudo, sem a escrita, a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes e, nesse sentido, a oralidade precisa e está destinada a produzir à escrita (ONG, 1998).

Partindo desse princípio pode se perceber que a oralidade limita-se ao que foi produzido e reproduzido através dos tempos apenas a partir da recordação do que é culturalmente adquirido. A partir do momento em que a escrita começa fazer parte do processo de construção de saber cultural, perde-se muito da oralidade, pois a escrita instiga a pensar e reescrever de forma distinta, colocando em risco o que já é estabelecido como cultura.

Os indivíduos ciganos raramente chegam a cursar o Ensino Médio – o que seria um bom nível escolar para a grande maioria, visto que em nossa pesquisa de campo não havia um único aluno que estivesse cursando sequer o sétimo ano do ensino fundamental. Entretanto, um menino com doze anos de idade já é considerado um homem dentro grupo e para os pais já está preparado para ter seu carro, sua casa e sua família. A menina, entre doze e treze anos, considerada mulher e pronta para o casamento, logo após o início de seu ciclo menstrual e apta a ficar sobre os

cuidados da futura sogra até o nascimento de seu filho primogênito. Assim, a permanência por um período maior de tempo em uma escola poderia gerar conflitos nas crianças ciganas e um conflito maior nos pais.

Ainda na leitura de ONG (1998, p. 20), “quando uma História Oral contada e recontada, não está sendo narrada, tudo que dela subsiste é seu potencial de ser narrada por certos seres humanos”. Os meios de se contar uma história dependem muito mais de quem conta do que do próprio enredo, pois podem ser usados diversos meios para se chamar a atenção, tais como os gestos, a entonação da voz entre timbres graves e agudos, de modo a não dispersar os ouvintes e ou para que os mesmos não percam o foco da lição.

É fundamental destacar as histórias do povo contadas por eles mesmos, não só por refletirem essencialmente sua tradição, seus costumes, sua cosmovisão, mas também por ditarem normas de comportamento para os que as ouvem: são os mais velhos passando o seu verdadeiro ouro – os *paramiches* – aos mais jovens e as crianças, ao pé do ouvido, de boca em boca, de geração em geração (PEREIRA, [199?]).

O bem maior de todos os ciganos é constituído por todos os seus indivíduos que os caracterizam, um cigano não é cigano sozinho: necessita de outro para compreender a si mesmo. Os valores dos grupos residem também no respeito para com os mais idosos, uma vez que estes representam verdadeiros “livros” para todos do grupo, mas são pessoas diferentes dos *gadjo*. Como se observa na leitura de Natasha; Nazira (2004, p. 2): “Os velhos Ciganos, são iguais aos de qualquer família, pois já viveram bastante, adquirindo, assim, a capacidade de ensinar, aos mais novos o segredo da vida.”

Assim os anciões, por meio de suas histórias, os *paramiches*, ministram ensino sobre verdadeiros valores que o Cigano deve ter ou saber para compreender o mundo que o cerca.

Na sociedade atual, pouco se nota a este respeito. Algo muito belo nos ciganos é o respeito de todos para com todos: desde uma criança, que representa o futuro, a um ancião, que constitui a história do grupo. Todos fazem parte da conversa na casa cigana. Mesmo as crianças participam ativamente de determinados assuntos, tais como os negócios da família são partes vivas e importantes do grupo.

No entanto há um momento em que as crianças não participam das conversas, é o que se percebe em Fonseca (1996): “o único tópico que as crianças são permanente excluídas das

conversas adultas é concernente ao sexo e reprodução”. Ainda em conclusão da autora, longe dos pais, as crianças ciganas trocam informações entre si, diante do suporte tecnológico a disposição em qualquer lugar e uma idade que os torna emancipados diante do grupo, sobre determinados assuntos que são temas entre as crianças pela facilidade de acesso à informação obtida.

### **Origens e fatos históricos na Cultura Cigana**

A origem dos grupos ciganos não é determinada com exatidão, e sempre há uma conotação de mistério e encanto quando se fala sobre os grupos ciganos, mesmo considerando a inexatidão de sua origem e os distintos modos de vida a estruturação hierarquizada.

Para Simões (2007, p. 18), “o povo Cigano é identificado na história a partir do ano de III a.C. Existem sinais que localizam sua origem no norte da Índia, mais exatamente na região do Punjab, onde hoje se encontra o Paquistão”. Se fizermos uma comparação dos povos localizados na Índia com a etnia Cigana, teremos muitas semelhanças físicas – tais como a cor da pele, os traços do rosto, a semelhança dos trajes e vestimentas que apresentam uma grande quantidade de brilho e cores, como se percebe no dizer de Pereira [199?] abaixo.

Existem, no entanto, explicações científicas para a origem dos Ciganos, pois a par de estudos comparativos, sobre o modo e vida, a capacidade espiritual (superstições de signos ocultos e cabalísticos), trajes, ofícios ( ferreiros, músicos e adivinhos), caracteres físicos dos Ciganos e de tribos nômades que há no noroeste da Índia, atual Paquistão... Estudos etnolinguísticos (séc. XVIII) que comprovaram que o romanê – língua dos Ciganos é aparentado com o sânscrito, língua da Índia Antiga. (PEREIRA, [199?] , p. 35)

Seguindo essa mesma linha,

[...] a pesquisa pela análise dos grupos sanguíneos, com a inclusão de elementos bioquímicos referentes à hereditariedade, tem fornecido algumas pistas sobre a origem Cigana. Uma das mais fortes é apontada tanto pela antropologia física como pela genética de populações e identifica a Índia como seu local de origem. (SIMÕES, 2007, p. 30)

Em relação à liberdade dos mesmos, têm-se algumas lendas. Em uma leitura de Simões (2007), a liberdade tão característica destes é concernente ao fato de que, quando Deus criou o

mundo, criou o homem branco e o homem negro. Deus teria ficado tão satisfeito com o resultado que fez, em seguida, o homem Cigano, dando a ele a liberdade para andar livre pelo mundo, visto desta forma um enobrecimento deste povo pela afirmação do grupo como um povo “escolhido”.

Além das conotações românticas e poéticas às quais a lenda remete, refere-se esta também à diáspora dos Ciganos pelo mundo, a respeito do que não se pode afirmar com exatidão o porquê.

A partir século XII, saíram estes para o mundo em duas vertentes, como cita Simões (2007, p. 97): “O Asiático (Ciganos da Palestina) e o Europeu (Ciganos da Pérsia e da Armênia), daí foram por todo o continente Europeu”. Na história de vida destes grupos, há muitas lacunas que são preenchidas com fatos, lendas, histórias que justificam sua origem, assim como engrandece e inspira pertencimento a esse Grupo.

Muitos ciganos afirmam serem descendentes dos egípcios em função de uma história que é contada por várias gerações, como afirma Teixeira (2008, p. 5): “No Brasil os ciganos afirmam também que procedem do Egito: e contam a velha lenda de que, por terem recusado hospedagem a Virgem Maria, quando ela fugia, peregrinam sobre a terra, dispersos, sem pátria, por todos os tempos”.

Em Teixeira (2008) percebemos que muitas destas lendas e histórias são contadas como forma de afirmarem sua diáspora pelo mundo.

Os ciganos foram sempre vistos como desprezíveis, conforme afirma Teixeira (2008, p. 4): “desde o século XV a palavra ‘Cigano’ é utilizada como insulto”. O termo aparece registrado pela primeira vez em português e emerge em uma peça teatral com o título *A farsa das Ciganas*, de Gil Vicente, poeta, dramaturgo e artista da renascença, que escreveu outras peças teatrais provavelmente em 1521. Nessa obra, os ciganos são considerados originários da Grécia.

Seguindo a leitura de Simões percebe-se que muitas outras suposições, mesmo em histórias, tornam uma incógnita a real origem dos Ciganos. No entanto, é mais enfatizado o subcontinente indiano, geograficamente como local de origem desse povo onde é o Paquistão hoje. Em alguns lugares no Brasil por onde os ciganos passavam, estes eram chamados de turcos por não se entender muito a comunicação cigana e pelo falar enrolado, subentendendo-se que eram eles oriundos da Turquia, ou Líbano, como afirmavam muitos vendedores de porta em porta, os mascates caixeiros, para a assimilação imediata.

Os Ciganos do Ocidente podem ser divididos em três grandes grupos: o Grupo *Rom*, com um maior contingente populacional e disperso por uma infinidade maior de países. Este grupo é dividido em subgrupos: os *Kalderash*, que trabalham com caldeiras, assim como os *Matchuara* e os *Lovara* e os *Tchurara*, instalados na Europa Central e Balcãs, a atual Romênia.

Segundo Moonen (2008), o fato de muitos ciganos serem denominados romenos ou mesmo fazer-se referência à Romênia, encontra razão no fato de que alguns grupos foram, por muito tempo escravos naquele país, sendo libertados somente em meados do século XX. Por isso, receberam uma influência muito forte da cultura romena. Sendo assim, a Romênia constituiu-se berço para muitos ciganos.

Ainda em leitura de Moonen (2008), os *Rom* são os verdadeiros ciganos, tendo o grupo proclamado a si mesmo superior em nobreza e autenticidade em relação aos demais. O segundo grupo, os *Sinti*, é mais numeroso em países como Alemanha, Itália e França, e falam a língua *Sintó*. O terceiro grupo, os *Calon*, cuja língua é o *Caló*, teve maior presença na Espanha e Portugal. Deste grupo são as famílias que primeiro vieram para o Brasil como imigrantes Ciganos de forma não voluntária.

### **A história dos Ciganos no Brasil**

No Brasil, a maioria dos Ciganos é pertencente ao grupo *Rom* e ao grupo *Calon*. Estes podem ser diferenciados por suas profissões. Entre outros aspectos, o que muda, de lugar para lugar, é a denominação dada pelos *gadjos* aos ciganos turcos, gintanos, gypsies.

Os primeiros grupos de ciganos que chegaram ao Brasil vieram da Europa. Teixeira (2008) nos esclarece um pouco como foi a relação de muitos ciganos com políticas públicas de Xenofobia na Europa e a consequência desse choque de culturas, de visão de mundo. Na Europa, passou a existir, a partir do século XV, uma legislação anticigana que, na maioria dos países daquele continente, durou cerca de quatro séculos e que deixou marcas profundas nas relações entre ciganos e não-ciganos até os nossos dias.

Diante disto vários grupos de ciganos foram banidos ou deportados para várias partes do mundo. Portugal foi um destes países que enviou para o Brasil e colônias da África, vários destes grupos ou indivíduos isolados, como se percebe na leitura de Teixeira (2008) como forma de

limpar seu território da presença indigna dos ciganos, pois até o momento em que eram úteis, foram tratados com algum valor, mas a partir do instante que perderam sua função, foram marginalizados e tratados com indiferença por todos. Ainda em Teixeira (2008) e diante de leitura investigatória e historiográfica, aponta-se que o primeiro cigano que chegou ao Brasil foi João Torres, que veio não a convite da coroa Portuguesa para habitar uma “terra nova e cheias de possibilidades”, mas na condição de exilado.

Não há dúvidas alguma de que os primeiros Ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e que estes não vieram voluntariamente, mas expulso daquele país. Foi o que parece ter acontecido, por exemplo, já em 1574, com certo João Torres e sua mulher Angelina, que foram presos apenas pelo fato de serem Ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias, levando seus filhos. (TEIXEIRA, 2008, p.15).

Ainda João Torres supostamente pagou suborno a oficiais portugueses a fim de trazer consigo sua mulher e filhos na condição de indignos, como forma de começar uma nova vida. Suas habilidades em trabalhos manuais como consertos diversos e até construção de caldeiras e engenhos os caracteriza como excelentes profissionais. Em uma colônia desprovida de estrutura de entretenimento os ciganos realizavam ainda atividades como artistas de circos, poetas, músicos e dançarinos, dentre outros. Sendo caracterizados pela diversão, estavam presentes junto a reis e imperadores.

Somente depois de João Torres e sua família deportados para a colônia portuguesa no Brasil, no início do século XVIII, é que grandes levas de deportados foram novamente enviados, sendo ainda tratados como subespécie de humanos, como detentores dos mais atrozes crimes, ladrões, baderneiros, vagabundos e tantos outros adjetivos com conotação negativa atribuído a estes cidadãos.

Não tinham paz e sossego para realizar suas caravanas sem que fossem vigiados. Como os ciganos não tinham uma fundamentação religiosa e não aceitavam o cristianismo, a igreja os via como hereges e insubordinados à Coroa, por isso eram sempre destituídos de qualquer bondade ou presença divina em suas vidas, sendo estigmatizados também pela Igreja.

Padre Raphael Bluteau, autor do primeiro dicionário de Portugal, repercute as preocupações que a Igreja tinha com o comportamento considerado herege dos Ciganos, no início do século XVIII: no seu dicionário segue a definição abaixo dos Ciganos: “Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e São José peregrinavam com ele pelo Egito”. (TEIXEIRA, 2008 p. 2).

Como forma de condená-los por seus supostos atos ao cristianismo, a Igreja não admitia que ninguém rejeitasse a condição suprema dela e os ciganos não estavam preocupados com isso, mas com suas vidas e seu modo de vida. Assim a Igreja estabelece formas de denegrir a imagem destes com definições bizarras e preconceituosas que foram aceitas pela grande maioria da população, prevalecendo algumas ainda até hoje, por convivência ou ignorância.

Diante desta onipresente repressão Católica, prevaleceu no imaginário popular de que os ciganos são povos contrários ao cristianismo, portanto inimigos da Igreja

Outras formas de repúdio contra eles foram promovidas por regimes autoritários durante a Segunda Guerra Mundial em meados do século XX. Entretanto, antes disso, nem mesmo a Revolução Industrial conseguiu colocar os ciganos sob o modo de produção capitalista como força de trabalho ou sob o domínio da ideologia do sistema, pois estes sempre permaneceram fieis a seus costumes e ao seu modo de vida.

Teixeira (2008) aponta que a Quiromancia (arte de ler as mãos a fim de prever o futuro), sempre praticada pelas mulheres, foi e é uma arte dos ciganos, mas também, uma forma de venda de serviços por onde estes circulam, um meio de prover algum recurso para a família. Em relação a essa arte, a igreja julgou e condenou os ciganos, qualificando-os como feiticeiros, bruxas ou praticantes de atos pagãos.

No entanto, os ciganos mantinham e mantêm os mistérios de sua cultura, afastando as pessoas e, por outro lado, não se misturando facilmente e não querendo comprometer sua coexistência com os não-ciganos. Assim, apenas realizavam negócios, de forma que utilizavam de um sistema que os repudiava para obter seus recursos essenciais para a sobrevivência.

Ainda na leitura de Teixeira (2008) e Moonen (2008), a partir do reinado de Dom João V, a perseguição aos ciganos portugueses se acentuou e dezenas deles foram degredados para as colônias ultramarinas, inclusive para o Brasil e Angola.

Em 1686 há uma leva de ciganos enviados para os estados do Maranhão e do Ceará no sentido de mantê-los longe dos centros e portos do Rio de Janeiro e Salvador. Também era objetivo deixá-los o mais longe possível das áreas de mineração em Minas Gerais, assim como das áreas de agricultura (TEIXEIRA, 2008).

Nos Estados que foram destinados a receber os grupos, muitas recomendações eram impostas, tais como não deixar que retornassem a Portugal e nem que fizessem uso de sua língua. O objetivo era fazer com que estes esquecessem seus costumes e sua cultura, afinal a liberdade cigana – homens livres e sem pátria – gerava certos incômodos nas elites portuguesas e na igreja e imaginava-se que o isolamento os fizesse esquecer-se de suas origens e crenças.

Em Minas Gerais, no final do século XIX, praticamente todas as cidades possuíam os Códigos de Posturas do Município, que têm como meta organizar os interesses sociais e trazer um melhor cuidado para com o que pode ou não acontecer em vias públicas, bem como os cuidados com horários; tal código é ainda um instrumento de condução moral do espaço urbano e principalmente como instrumento de repressão contra dos grupos.

Em relação às medidas legais, foram criados artigos que proibiam a realização de comércio com ciganos. Teixeira (2008) diz que “o último código de postura que tivemos conhecimento é o de Dores de Boa Esperança (atual Estrela do Sul), de 1895, quando é feita atualização do código de 1872, que apresentava menções a ciganos sendo a última referência citada de código de posturas que citam ciganos”.

Para Teixeira (2008), a partir do momento em que os Ciganos começam a fazer parte do processo de formação das cidades mineiras, o controle de entrada e saída destes tornou-se um problema público, de segurança e qualidade de vida das populações locais. Assim, normas como os Códigos de Posturas foram efetivadas para que os ciganos não adentrassem aos centros urbanos e que, quando por estes locais passassem com suas caravanas, fossem de antemão advertidos a fim de que não praticassem crimes como o roubo de animais, assaltos a comitivas, brigas, dentre outros delitos. Todavia, muitos destes crimes eram praticados por não-ciganos, sendo a culpa sempre imputada aos ciganos.

Desta forma, muitas caravanas ciganas eram avisadas por cidadãos comuns e policiais até mesmo antes de entrar no perímetro urbano, como em tempos atuais, que nem todas as cidades recebem os grupos ciganos de braços abertos. Ficavam então os Ciganos acampados à margem

das cidades. Mesmo assim, os mesmos não se intimidavam e, naquela época, no século XIX, iam aos espaços públicos vender seus serviços e oferecer a leitura de mãos.

Para os homens ciganos, mesmo sendo sitiado pela ordem policial, o espaço público é o espaço de oportunidades para negócios e também o de conhecimento de possíveis ações contra eles mesmos por parte dos agentes de segurança (TEIXEIRA, 2008).

O higienismo praticado no Rio de Janeiro e a abolição da escravatura de 1888 (muitos ciganos trabalhavam com comércio de negros) foram dois motivos para a grande debandada de grupos ciganos para o Estado de Minas Gerais entre os séculos XIX e XX, aumentando a população destes, à procura de oportunidades de melhoria de vida para os grupos aos quais pertenciam (TEIXEIRA, 2008).

Dessa forma, houve uma demanda muito grande por novas frentes de possibilidades de ganhos para ciganos, seja através de seus habituais serviços como caldeireiros, ferreiros, comerciantes ou, circenses entre outros.

### **A presença Cigana em Uberlândia - MG**

Os ciganos são grupos que, há muito tempo, passam por Uberlândia-MG com suas caravanas, suas famílias e costumes inerentes à sua cultura, que permanece ainda resistente mesmo ante a modernidade. Tais povos estão inseridos na cidade participando de sua formação, da sua construção e do crescimento por meio do comércio local, usando recursos de infraestrutura. Compram produtos nos comércios – como os bens de primeira necessidade – e também fazem negócios, tais como a venda de cavalos e a “catira” de carros com compensação financeira pelo produto de melhor qualidade

Muitos fatores determinam a chegada de ciganos em Uberlândia: a estrutura, o comércio forte, o pólo industrial diversificado, com grandes indústrias aqui estabelecidas, assim como as rodovias estaduais e federais que cortam a cidade, fazendo ligação com diversos outros pontos do país, além de ser hoje a segunda maior cidade do Estado de Minas Gerais, com uma população de 604.013 habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Todos esses fatores são atrativos de bons negócios e para os ciganos, Uberlândia é uma cidade em que “corre muito dinheiro” isto na fala dos grupos locais. Nota-se que há muitos acampamentos montados na cidade, mas não há uma caracterização específica de bairros ciganos, mas tem locais na cidade que são usuais e preferidos pelos mesmos devido à questões que julgam de importância para o grupo.

Na leitura de Fonseca (1996), em Uberlândia não há impedimento para grupos entrarem na cidade, pois não se praticaria uma política de hostilidade aos Ciganos, a exemplo do que ocorre em várias localidades do interior de São Paulo, onde estes são constantemente perseguidos e proibidos de erguerem as barracas. Talvez em função do bom relacionamento entre grupos e o poderes Executivo e Legislativo da cidade, a grande maioria têm documentos como o Título de Eleitor e reivindicam melhorias para sua comunidade, pois os ciganos de Uberlândia sempre tiveram bons contatos com líderes e grupos políticos da cidade e sempre permitiram que os acampamentos ciganos fossem visitados em busca de apoio político.<sup>2</sup>

Os ciganos nômades armam acampamentos com outras famílias que estão juntas em viagem. No interior de suas tendas, os cômodos são separados por móveis que delimitam a divisão entre um e outro. A tenda, para os Ciganos, tem uma conotação muito especial. São sempre armadas uma ao lado da outra ou geralmente com formação circular dependendo da ocasião e colocadas de forma a preservar a privacidade da família, assim como gerar proteção para o grupo, de forma que nenhum estranho entre no acampamento. A tenda representa abrigo para as famílias e é utilizada para receber amigos, celebrar dias de festas ou tristeza.

Os ciganos de Uberlândia não vivem exclusivamente em tendas armadas em terrenos, há muitas famílias de ciganos em Uberlândia que têm endereço fixo, tornaram-se sedentárias, mas continuam a cultura, vivendo no conforto de uma casa como os não-ciganos, mas fazendo suas confraternizações nas tendas.

Seus acampamentos são montados em pontos estratégicos. Geralmente o são onde se sabe que é possível contar com auxílio de não-ciganos que, com gestos de solidariedade, ajudam com água potável e energia elétrica sendo pagos por esses recursos.

---

<sup>2</sup> Informação fornecida por membros ciganos em um acampamento do Setor Oeste da cidade de Uberlândia-MG.

Em outro momento, ficam pertos aos locais de grande movimento – como vias de trânsito –, onde podem ter acesso a pastos para os cavalos, uma vez que alguns grupos ainda trabalham com esta criação.

Em uma cidade como Uberlândia, às vezes passa despercebida a magnitude de um acampamento cigano, um atrativo em relação à beleza e organização. Lembram sempre os circos, com tendas e povos exóticos. Cabe dizer, devemos respeitá-los em seu modo de vida, sem julgar, discriminar ou estigmatizar o que não conhecemos que é algo muito usual em nossa sociedade contemporânea, mesmo porque a cultura cigana antecede a cultura que herdamos da colonização lusitana. Eles querem apenas seguir seu modo de vida, é o que diz a leitura de Natasha; Nazira (2004, p. 1): “Por incrível que pareça, até os dias de hoje, as sociedades não perceberam que o verdadeiro cigano não faz mal a ninguém, não quer suas terras; quer apenas fazer pousada por algum tempo.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante destas breves considerações, não se pode afirmar ou concluir qual seria a exata origem deste povo que há muito tempo habita partes da Europa e em um tempo relativamente curto o Brasil. As histórias afirmam que são descendentes da Índia, que tiveram uma ligação muito forte com os egípcios e romenos, mas o que se pode afirmar é que são portadores de uma cultura única, com seus costumes, sua língua familiar de um mistério que nos atrai, talvez por nossa condição de não pertencimento a sua cultura

Mas sua presença se faz em várias cidades brasileira e acima de tudo diante de uma forma muito severa de tratamento por autoridades e pessoas comuns, sendo ainda discriminados e associados à marginalização.

Tradicionalmente, os ciganos têm participado da produção social em vários países por meio do trabalho, apesar de controvérsias e entendimentos contrários a respeito. No entanto, esse povo apenas tem sido aceito na medida de sua utilidade, sendo marginalizados a partir do momento em que não são mais úteis.

Além de socialmente marginalizados, os ciganos têm sido perseguidos no decorrer da história. Na Segunda Guerra Mundial estima que seiscentos mil ciganos acabaram mortos nos

campos de concentração alemães. Eles eram perseguidos junto com judeus e seu histórico de perseguições ocorre no mundo todo.

Saber que grupos se subdividem é de grande importância: os ciganos do Ocidente possuem identidade própria e podem ser divididos em três grandes grupos: o Grupo *Rom*, os *Sinti* e os *Calon*, dispersos pela Europa, Brasil e todo o mundo. No Brasil, a maioria dos Ciganos é pertencente ao Grupo *Rom* e ao grupo *Calon*

Em Uberlândia, os Ciganos passam ou se instalam há algum tempo, participando da formação dessa cidade, do crescimento e construção por meio do comércio local, usando recursos de infra-estrutura. Mesmo que de forma bem tímida, estes grupos sejam sedentários ou nômades, se sentem confortáveis para trabalhar, viver, criar seus filhos ou acampar por algum tempo para planejar seu trajeto.

Além disso, a cidade não tem uma política de hostilidade aos ciganos. Sendo assim, configura o espaço urbano com várias marcas da presença desse povo. Nas perspectivas literária, humana e até científica, essa presença poderia ser muito produtiva. No entanto, da formação escolar nessa cultura ainda decorrem vários problemas sociais que distanciam os grupos ciganos de uma maior participação na vida social e construção da identidade nacional. Como por exemplo, uma política de inclusão participativa destes no propósito de crescimento da cidade. Talvez Uberlândia não pratique uma hostilidade aos grupos ciganos, mas por outro lado, pratique uma nulidade, a não ser diante de interesses do poder executivo ou legislativo da cidade.

As poucas e tímidas conclusões que tivemos foram valiosas por entender que temos ainda pouco sobre uma literatura que trate do tema que é imensamente segregado dos meios acadêmicos. Além disso, podemos afirmar que a síntese da Geografia pouco ou não se aplica a grupos segregados como os ciganos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: A Nova Cultura Oral**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. Coleção questões de nossa época, v. 32.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed da UFSC, 1999.

FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. **Espaço e cultura nos acampamentos Ciganos de Uberlândia**. 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Nacional de Brasília, Brasília-DF, 1996.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

NATASHA, Ana da Cigana; NAZIRA, Edileuza da Cigana. **Mistérios do Povo Cigano**: Rio de Janeiro, 5ª Ed. Ed. Pallas, 1995.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita: a tecnologia da palavra**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papyrus, 1998.

PEREIRA, Cristina da Costa. Artigo científico. **Ciganos: a oralidade como defesa de uma minoria étnica**. p. 34-39. Disponível em: <[http://www.lacult.org/docc/oralidad\\_04\\_34-39-Ciganos-a-oralidade.pdf](http://www.lacult.org/docc/oralidad_04_34-39-Ciganos-a-oralidade.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2010.

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Transnacionalismo e Etnicidade: A Construção Simbólica do *Romanesthà* (Nação Cigana)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia Maria. **A ARTE DA CATIRA: Negócios e reprodução familiar de sitiantes mineiros**. Disponível em [www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n64/a05v2264.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n64/a05v2264.pdf)>. Acesso em: 18 de outubro de 2011.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação Cigana: entre-lugares entre Escola e Comunidade Étnica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia... e sua Comunidade – um território Cigano em Ipameri/Goiás**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFG, Goiânia, 2003.